

Formação docente: da mercadoria à reflexividade narrativa insubordinada criativamente

Cristina Oening¹
Regina Célia Grandó²

Resumo

Neste documento, apresento um recorte da minha pesquisa de doutorado em andamento, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina. Objetiva analisar, por meio das narrativas com os professores de Matemática, de que forma os impactos das políticas educacionais neoliberais delineadas pela BNC- Formação Continuada, em situações de insubordinação criativa, favorecem a postura crítica e reflexiva sobre as ações do educador matemático. Pesquisa narrativa como proposta metodológica de natureza qualitativa. Os dados serão produzidos por meio de entrevistas narrativas com professores de Matemática e memorial de formação da pesquisadora. Interrogo a emergência em conhecer as narrativas dos professores participantes perante a camuflagem de sua autonomia em (de)formação (infinita)continuada e outros. Por meio da análise narrativa, espera-se que os resultados contribuam para valorizar o processo de reflexividade narrativa como alicerce para a formação docente, frente às políticas com interesses em transformar a educação pública em mercadoria.

Palavras-chave: BNC- Formação Continuada; Insubordinação criativa; Reflexividade narrativa.

1. Introdução

No meu caminhar no desenvolvimento da pesquisa de doutorado e nos treze anos de minha atuação como professora e investigadora, tenho percebido que as formações oferecidas aos docentes estão cada vez mais distantes de uma formação ampla, crítica e emancipatória. A formação de professores é essencial para a educação, tanto para reproduzir, manter, ou promover mudanças do padrão educacional vigente. Assim, torna-se um campo de disputas, alinhadas gradativamente, a uma forma de educação reduzida ao básico e ao instrumental, das quais, se colocam a favor de políticas neoliberais, diretamente ligadas às necessidades da cadeia produtiva.

Os professores tornam-se elementos estratégicos para o fortalecer e perpetuar os moldes do neoliberalismo. Ligado a isso, instaura-se a Resolução CNE/CP n.º 1, de 27 de outubro de 2020, que dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional

¹ Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC- Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica- PPGECT; cristinaoening@hotmail.com

² Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC- Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica- PPGECT; regrado@yahoo.com.br

Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC- Formação Continuada).

Nesse movimento, importa mencionar que presenciei muita insatisfação por parte dos professores em relação a estas ações, principalmente as formações continuadas. Visto que, ocorre pela mão do ente público, mas também envolve o ente privado, além de tentar inculcar a pedagogia das habilidades e competências e os valores neoliberais nos docentes. Por meio de “parcerias”, terceirizações, os institutos e as fundações privadas tornam-se protagonistas, estabelecendo um caráter economicista e privatista a esta formação, ao mesmo tempo, a educação pública é transformada em mercadoria.

Esse cenário, necessita de resistência, com ações de insubordinação criativa (D’Ambrósio; Lopes, 2015) para direcionar caminhos para que os professores possam compreender essas disputas, e criar ações de subversão responsável ao avanço das políticas neoliberais impostas em diferentes momentos políticos. O interesse pelos estudos, com a pesquisa narrativa, acontece por meio das leituras relacionadas à formação docente e as vivências com os professores.

Dessa maneira, a relevância está em escutar o que dizem os professores de Matemática sobre o assunto, para que possamos compartilhar nossas experiências e vivências. Definimos como objetivo compreender, por meio das narrativas com os professores de Matemática, de que forma os impactos das políticas educacionais neoliberais delineadas pela BNC- Formação Continuada, em situações de insubordinação criativa, favorecem a postura crítica e reflexiva sobre as ações do educador matemático.

2. Referencial teórico

Os desdobramentos e as transformações que ocorreram na sociedade e nos diferentes contextos ao longo da história do país, também refletiram em diferentes objetivos da educação. Neste quesito, o professor torna-se um alvo direto e estratégico para o sistema, o que reflete no desenvolvimento de políticas curriculares educacionais e formações docentes. Justifica-se o interesse e a interferência da lógica dominante em relação “a formação de professores e tudo que diz respeito à escola e educação pública

de modo geral pode ser transformado em mercadoria e negócio rentável” (Costa; Mattos; Caetano, 2021, p. 1189).

A BNC- Formação Continuada trata-se de uma política para padronizar a formação de professores, com a intenção em formar mentes ajustadas designadas a seguir comandos de transferência de saberes rasos. Para Costa, Mattos e Caetano (2021, p. 1202) essa Resolução é um “modelo formativo enredado por uma performatividade que tem por foco a eficácia escolar a partir de resultados, por isso pautado na exacerbação da prática, redução teórica e efetivação de uma pseudoautonomia”.

Os padrões de formação continuada propostos pela BNC-Formação Continuada, “não possuem como meta a atualização e complementação ao longo da carreira e muitos menos consideram a formação inicial e o contexto no qual atuam os/as docentes” (Costa; Mattos; Caetano, 2021, p. 1204). Por outro lado, a formação de professores pode ser uma das estratégias para concretizar a reforma da Educação Básica. Progressivamente, os ideários do campo empresarial adentram nas políticas educacionais, voltados para uma visão economicista, produtivista e eficiente. Como resultado, retira a autonomia pedagógica do professor e manipula-o como fantoche, com a intenção em formar indivíduos produtivos para atender às novas condições de trabalho e desafios do século XXI.

A partir destas considerações, como resistência à atual proposta da BNC-Formação Continuada, o professor necessita provocar a ruptura com as diretrizes pré-estabelecidas pelas instituições. Com isso, reconhece a situação de opressão a que está submetido por meio das imposições de mudanças que beneficiam a hegemonia. Neste sentido, a importância em compreender por meio das narrativas e histórias vividas como nós professores de Matemática encaramos as interferências em nossos planejamentos, perante a camuflagem de nossa autonomia, em reformas/padronizações curriculares, avaliações em larga escala, (de)formação (infinita)continuada e outros.

Nessa perspectiva, o professor necessita quebrar regras, desobedecer e assumir uma prática reflexiva, por meio de ações de insubordinação criativa (D’Ambrosio; Lopes, 2015). Para as autoras, o termo insubordinação criativa é sinônimo de subversão responsável, além disso, agregaram a esse termo os conceitos de ética, solidariedade e justiça social. Assim, “está associado aos riscos da quebra de regras institucionais, assumidos por profissionais que buscam proteger ou possibilitar melhores condições às

peças a quem prestam serviços” (Teres; Grando, 2019, p. 56).

“Insubordinar-se criativamente para questionar prescrições, como o aligeiramento e o reducionismo nas formas de conceber a formação de professores e, mais perverso que isso, a abertura para os espaços mercantilizados para essa formação” (Cyrino; Grando, 2022, p.13). Como sinalizado anteriormente, o trabalho docente não pode estar a serviço da classe dominante, precisa estar voltado para a emancipação humana, sobretudo, assegurar a existência humana.

Com a intenção de priorizar o aprendizado dos alunos, os professores precisam agir contra as políticas públicas opressivas. Como destaca Lopes e D’Ambrosio (2015, p. 2) “o discernimento para saber onde e como desobedecer é fundamental para a tomada de decisão”. A partir disso, “assumir uma prática reflexiva para nosso fazer profissional significa voar para além do *espaço da gaiola*” (D’Ambrosio; Lopes, 2015, p. 8, *grifos das autoras*). Desse modo, as autoras salientam a necessidade do professor buscar uma ruptura contínua com o que está sentenciado, superar paradigmas, possibilitar melhores condições aos seus estudantes.

Mediante a perspectiva da insubordinação criativa,

como uma forma de resistir e (re)existir, defende-se uma (des)construção curricular, [...] na busca de caminhos, brechas, atalhos, táticas, criativas e colaborativas que valorizem a profissionalização do professor e uma formação matemática em prol da justiça social (Cyrino; Grando, 2022, p.1).

Assim, sair da gaiola profissional é uma forma de resistir e (re)existir, são ações insubordinadas criativamente e atos de subversão responsável. Desse modo, compreender a intenção dos professores em sair da gaiola profissional “poderá direcionar ações de formação de professores para empoderá-los a participarem de um movimento que lhes possibilite recuperar e recobrar a honra e a dignidade da profissão docente” (Lopes; D’Ambrósio, 2015, p.3).

Dessa maneira, o professor pode narrar e refletir sobre suas experiências vividas e transformá-las em conhecimento, por meio da reflexividade narrativa (Passeggi, 2021). A autora salienta que a reflexividade narrativa, é a capacidade do indivíduo se expressar e se formar por meio de diversas formas de linguagem, ao mesmo tempo, que dá sentido às suas experiências, aprendizagens e até reconhece os fracassos nessas tentativas. Em síntese, a conexão entre os atos de “sair da gaiola profissional”, de subversão responsável e/ou insubordinação criativa e reflexividade

narrativa, podem favorecer a autotransformação dos professores para compreender as armadilhas da formação proposta pelos ideários da referida Resolução, na tentativa em transformar a educação em mercadoria.

3. Metodologia

Neste trabalho utilizaremos pesquisa narrativa como proposta metodológica de natureza qualitativa. Segundo Clandinin e Connelly (2015) a pesquisa narrativa com foco na investigação sobre a experiência humana vivida, compreende a experiência como histórias vividas e narradas. As investigações possíveis se imbricam entre as experiências do pesquisador e de seus pesquisados. Para os autores, é imprescindível experienciá-la a partir de um espaço tridimensional: interação (pessoal e social), continuidade (passado, presente e futuro) e situação (lugar).

O espaço tridimensional é a base da proposta, pois se refere à professora pesquisadora, aos professores participantes da pesquisa, aos espaços de formação e atuação e a entrelaçar entre eles. Para Clandinin e Connelly (2015) o pensar narrativamente permite um movimento em quatro direções: introspectivo (condições internas: sentimentos, crenças, reações), extrospectivo (condições existenciais: meio ambiente, lugar), retrospectivo (passado) e prospectivo (presente e futuro).

A narrativa oportuniza à pesquisadora observar, ouvir e registrar as experiências dos professores participantes com a intenção de compreender as vivências experienciadas e narradas com os professores participantes. Assim, para Clandinin e Connelly (2015), a característica da pesquisa narrativa é que se começa com a narrativa do pesquisador, associada ao *puzzle* de pesquisa ou problema de pesquisa. Nessa direção, será inicialmente elaborado o memorial de formação da pesquisadora, a partir dele, emergirá o *puzzle* desta pesquisa. Dos quais giram entorno das narrativas dos professores de Matemática, sob ações de insubordinação criativa, em relação aos impactos das políticas educacionais para a formação continuada.

Na pesquisa narrativa, o pesquisador não é alguém que “coleta informações”, ele é um dos participantes da investigação, aprende com suas histórias e com as histórias de seus participantes. Considerando a participação da pesquisadora como parte da pesquisa a ser desenvolvida, Clandinin e Connelly (2015, p. 120) ressaltam que: “a experiência da narrativa do pesquisador é sempre dual, é sempre o pesquisador vivenciando a

experiência e também sendo parte da própria experiência”. Assim, os participantes da pesquisa, os professores atuantes da mesma rede de ensino, serão parceiros do processo de investigação que compartilham com a pesquisadora. Uma vez que, a pesquisa narrativa é uma maneira de entender e questionar a experiência por meio da colaboração entre pesquisador e demais participantes da pesquisa.

Utilizaremos a “amostragem por bola de neve” ou como também é conhecida “cadeia de informantes”, amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência, úteis para estudar determinados grupos, utilizada principalmente para fins exploratórios. O motivo pelo uso dessa metodologia: “desejo de melhor compreensão sobre um tema, testar a viabilidade de realização de um estudo mais amplo, e desenvolver os métodos a serem empregados em todos os estudos ou fases subsequentes” (Vinuto, 2014, p. 205).

Inicialmente, a intenção é localizar os professores com perfil para a pesquisa, com o auxílio das sementes, os informantes-chaves, para formar o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se aos professores indicados pelas sementes designarem novos participantes. “Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise” (Vinuto, 2014, p. 203).

Os dados serão produzidos por meio do memorial de formação da pesquisadora, diário reflexivo, registros fotográficos, vídeo gravação e a entrevista narrativa (Jovchelovitch; Bauer, 2012). Na pesquisa narrativa, todo esse material produzido como meios de registro ou como dados, são entendidos, como textos de campo, “porque são criados, não são encontrados e nem descobertos, pelos participantes e pesquisadores” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 133). Nesse processo, o memorial de formação entrecruzar-se-á com os textos de pesquisa dos professores participantes, assim a narrativa pode ser retomada, revisitada e ressignificada durante a pesquisa.

Para a construção dos textos de campo, (Clandinin; Connelly, 2015) ressaltam a importância da relação entre pesquisador e participante em um modo colaborativo, sendo que o processo de compor esses textos é basicamente interpretativo; são construídos de modos variados e podem ser entrelaçados; é uma tarefa complexa; devem ser ricos em detalhes e precisam ser elaborados com rotina e rigor; o pesquisador precisa atentar ao espaço tridimensional aberto e sem fronteiras. Logo, não é ideal utilizar questionários ou entrevistas estruturadas.

Dessa maneira, a entrevista narrativa será entrelaçada com outros textos de campo, segundo Jovchelovich e Bauer (2002) há uma situação que encoraja e estimula um entrevistado a relatar os acontecimentos sobre alguma etapa de sua vida e do contexto social. As entrevistas narrativas são cuidadosamente organizadas, seguem etapas que asseguram rigor metodológico ao processo: iniciação, narração central, fase de perguntas e fala conclusiva. Para cada uma dessas fases é sugerido algumas regras, com a intenção de oferecer orientação ao entrevistador, evitando os esquemas da pergunta-resposta de entrevista. Devido ao limite de páginas para esse texto, não será detalhado cada etapa da entrevista narrativa.

A análise dos dados será realizada por meio da análise narrativa. Espera-se que os resultados contribuam para valorizar o processo de reflexividade narrativa como alicerce para a formação docente, frente às políticas com interesses em transformar a educação pública em mercadoria.

4. Apontamentos finais

Dos passos que dei até aqui, no desenvolvimento da pesquisa de doutorado, meus anseios estão nas ações que a proposta da Resolução CNE/CP 1/2020, pode implicar no trabalho docente e no processo formativo do estudante, a longo prazo. Por consequência, é essencial escutar os professores para relatarem suas experiências e vivências, em relação às armadilhas da formação continuada proposta pelos ideários da referida Resolução.

Esse ambiente desafiador e renovador demanda às ações de insubordinação criativa e/ou subversão responsável, formas de resistir e (re)existir, atos de “sair da gaiola profissional” e reflexividade narrativa. Nesse sentido, a integração dessas abordagens críticas na formação docente propicia aos professores se libertarem de práticas restritivas. Autotransformar a mercadoria pacote BNC- formação continuada em reflexividade narrativa, insubordinada criativamente.

5. Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 29 out. 2020.

CLANDININ, D.Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2.ed. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CYRINO, Márcia Cristina da Costa Trindade; GRANDO, Regina Célia. (Des)construção curricular necessária: resistir, (re)existir, possibilidades insubordinadas criativamente. **Revista de Educação Matemática (REMat)**, São Paulo, v. 19, p.1-25, 2022. Disponível em:
<https://www.revistasbemsp.com.br/index.php/REMat-SP/article/view/65/65> Acesso em: 14 fev. 2024.

COSTA, Eliane Miranda; MATTOS, Cleide Carvalho de; CAETANO, Vivianne Nunes da Silva. Formação de trabalho docente: internacionalidade, da BNC-Formação Continuada. **Currículo sem Fronteiras**, v. 21, n. 3, p. 1188-1207, 2021. Disponível em:
<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol21iss3articles/costa-matos-caetano.pdf> Acesso em: 13 fev. 2024.

D'AMBROSIO, Beatriz Silva; LOPES, Celi Espasandin. Insubordinação Criativa: um convite à reinvenção do educador matemático. **Bolema: Boletim de Educação Matemática**, v. 29, n. 51, 1-17, 2015. Disponível em:
<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/8564> Acesso em: 14 fev. 2024.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p.90-113.

LOPES, Celi Espasandin; D'AMBROSIO, Beatriz Silva. Insubordinação criativa de educadoras matemáticas evidenciadas em suas narrativas. In: CONFERÊNCIA INTERAMERICANA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 14., 2015, Tuha. **Anais**. Tuxtla Gutiérrez, p. 1-12, 2015. Disponível em:
https://xiv.ciaem-redumate.org/index.php/xiv_ciaem/xiv_ciaem/paper/viewFile/391/189 Acesso em: 14 fev. 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 44, p. 93–113, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/8018>. Acesso em: 3 set. 2025.

TERES, Silvana Leonora Lehmkuhl Teres; GRANDO, Regina Célia Grando. O Grupo de Estudos ICEM–Insubordinações Criativas em Educação Matemática: contexto, desafios e perspectivas. **Revista Internacional de Pesquisa em Educação Matemática RIPEM**, v.9, n.3, p. 54-67, 2019. Disponível em:
<https://www.sbembrasil.org.br/periodicos/index.php/ripecm/article/view/2221/1673>. Acesso em: 16 fev. 2024.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 2 set. 2025.